

### ☹ **“Mediocridade” que desestabiliza**

A desestabilização da zona de conforto causada pelo ingresso massivo de estudantes negros(as) ao ensino superior fere de modo incisivo suscetibilidades e aciona justificativas que partem de um modelo de racionalidade hierárquico que mantém intocadas as assimetrias que observamos entre nós negros(as) e demais segmentos da sociedade. Na medida em que o “racismo que não se revela” é denunciado por ações que põem a nu o seu modus operandi e mostram de que forma os privilégios são mantidos, surgem ataques fundamentados em argumentos extremamente frágeis, como o da “mediocrização do povo”. Prefere-se recorrer ao argumento de que as cotas ferem o princípio do mérito mesmo quando avaliações feitas por universidades como a Ufba atestam que o desempenho dos estudantes que ingressaram via sistema de cotas é igual ou superior aos não-cotistas. Se “somos menos do que nós mesmos” é porque historicamente assim o fizemos, sufocando a nossa diversidade em prol de um modelo cultural que não questiona (e resiste a questionar) seus próprios fundamentos. **ZELINDA BARROS, ANTRÓPOLOGA, COORDENADORA DO PROJETO DE INCENTIVO À PERMANÊNCIA DE ESTUDANTES COTISTAS DO CEAQ-UFBA**

### ☹ **Ainda a mediocridade cordial**

Tenho acompanhado neste jornal a volta do debate sobre as ações afirmativas e reservas de vagas para negros e indígenas no ensino superior, e nota-se o quanto o tema enfrenta

conservadoras resistências. Que pena. Afinal, tratar os grupos historicamente excluídos da sociedade de forma diferenciada mexe com pessoas conhecidas, outras não, que defendem a democracia. Mas como falar em democracia quando quilombolas ainda lutam por documentos de posse de terra? Quando trabalhadoras domésticas comemoram, em 2011!!!, o acesso aos direitos comuns a todos(as) os(as) trabalhadores(as) brasileiros(as)? A que meritocracia o Sr. Walter Barreto Alencar se refere? A que, até poucos anos, negou o conhecimento dos(as) estudantes as diversas produções científicas produzidas no continente africano, mas que permitia a ‘entrada pela porta da frente’ majoritariamente para estudantes brancos(as)? **MARISA SILVA, SALVADOR-BA,**

### ☹ **Na sombra da mediocridade**

Sr. Walter Barreto Alencar: Olhar os problemas sociais e raciais do Brasil da janela da casa-grande, de onde foi criado o modelo educacional brasileiro, por exemplo, pode provocar os mais diversos desvios. Um deles é de não enxergar o ensino superior público como um espaço historicamente reservado para a elite branca brasileira. Um exemplo? A popular Lei do Boi, de nº 5.465, de 1968, que reservava vagas para filhos de fazendeiros!!! A novidade que lhe incomoda é que, agora, as cotas nas universidades públicas são dirigidas para grupos historicamente excluídos: negros e indígenas. Por isso, recorrer a meritocracia, nada mais é do que um desejo da

continuidade da cultura da casa-grande. Pensar no futuro, no desenvolvimento do País, é inserir ‘na entrada pela porta da frente’ todos os segmentos que formam o Brasil. **CERES SANTOS, JORNALISTA E COORDENADORA-EXECUTIVA DO CEAQRO**